

**UM ESTUDO SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA DE ALUNOS DO 6º ANO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ DO RIO JOCOJÓ,
ZONA RURAL, MUNICÍPIO DE GURUPÁ**

Rosélia Pombo ARAGÃO (G-UFGA/PARFOR)

Elson de Menezes PEREIRA (UFGA)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os hábitos de leitura de alunos do 6º ano, da escola Bartolomeu Bueno, localizada na comunidade Quilombola Nossa Senhora de Nazaré do Rio Jocojó, zona rural, Município de Gurupá. Esta pesquisa tem caráter descritivo, valendo-se de dados coletados *in loco* através do uso de entrevistas semiestruturadas, com perguntas semiabertas e fechadas. São empregados como referenciais teóricos os trabalhos de Kleiman (1999), Soares (2009), Freire (1994) entre outros (lexia vaga – retirar: citar os principais autores e especificar a teoria). Os dados da pesquisa permitem afirmar que os alunos desenvolvem leituras variadas e estão cômicos de sua importância, porém, ainda se faz necessário que a escola desenvolva projetos de leitura multidisciplinar, com atividades lúdicas e prazerosas voltado ao letramento.

Palavras-chave: Ensino. Letramento. Alunos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os hábitos de leitura de alunos do 6º ano, da escola Bartolomeu Bueno, localizada na comunidade Quilombola Nossa Senhora de Nazaré do Rio Jocojó, zona rural, Município de Gurupá. Esta pesquisa tem caráter descritivo, valendo-se de dados coletados *in loco* através do uso de entrevistas semiestruturadas, com perguntas semiabertas e fechadas. São empregados como referenciais teóricos os trabalhos de Kleiman (1999), Soares (2009), Freire (1994) entre outros. Os dados da pesquisa permitem afirmar que os alunos desenvolvem leituras variadas e estão cômicos de sua importância, porém, ainda se faz necessário que a escola desenvolva projetos de leitura multidisciplinar, com atividades lúdicas e prazerosas voltado ao letramento.

2 A ALFABETIZAÇÃO

O conceito de alfabetização tem-se modificado ao longo do tempo e, conseqüentemente, vem sendo avaliado e definido de vários modos. Com base nos diversos censos demográficos no Brasil podem-se (concordância verbal) perceber alguns aspectos dessas alterações. Por isso, Schwartz (2012) argumenta que:

Até 1940, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que declaravam saber ler e escrever e que assinavam seu nome para comprová-lo. A partir dos anos de 1950 e até o último censo, realizado no ano de 2000, os instrumentos de avaliação foram alterados e passaram a considerar alfabetizados os que se declaravam serem capazes de ler e escrever um texto



simples. Isso mudou o enfoque inicial dado ao conceito que agora passou a considerar o uso contextualizado da leitura e escrita em um tipo específico de texto. (SCHWARTZ, 2012, p.24).

Segundo Santos e Mendonça (2007, p.12), “o escritor Graciliano Ramos, em seu livro autobiográfico *Infância*, lembra que se alfabetizou – ainda no final do século XIX, início do século XX – através da carta do ABC em que primeiro aprendeu todas as letras para, só no final da carta, ter contato com os primeiros textos – alguns provérbios que, embora soubesse decodificá-los, desconhecia seus significados”.

Nesse sentido, afirma Mortatti (2000):

Respirei, meti-me na soletração, guiado por Mocinha. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arrevesadas, que me atordoavam. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: ‘A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém’. Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. – Mocinha, quem é Terteão? Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse. Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções. (MORTATTI, 2000, apud SANTOS e MENDONÇA, 2007, p.12).

Diante disso, o autor comenta sobre a alfabetização de Graciliano Ramos que foi através da carta do ABC, ao analisar esses argumentos, percebi também que me alfabetizei através da carta do ABC, na qual aprendi apenas decodificar, mas não conseguia absorver totalmente o significado das coisas que estavam escritos naquela cartilha, com o tempo mudei de escola e tive contato com outros livros e métodos, onde pude compreender o significado real das coisas que estavam no livro e no contexto social. (Retirar – Tem que ser direto!!! Falar o que é alfabetização sem ficar volteando)

Cagliari (1982) ressalta que:

É preciso dizer mais uma vez que alguns livros não vão além de frases para a leitura, que são cheias de repetições como. ‘A vovó deu a uva a Olavo’, ‘O bebê bebe e baba’ etc.; obviamente, isto é o que há de pior para se dar par uma criança ler. Tenho visto Monteiro Lobato e Cecília Meireles reescritos em certos livros de maneira tão ruim que a compreensão do texto às vezes se torna até impossível. Considero um crime reescrever esses autores, em qualquer hipótese, para passar aos alunos como leitura. Como alguém pode aprender a escrever se é privado desde cedo da leitura dos bons escritores? A escola reclama muito de que os alunos escrevem mal, mas o que eles leem. (CAGLIARI, 1982, p.179).

No entanto, observando essa realidade muitos (mudar lexia) educadores ainda têm uma concepção tradicionalista, de utilizarem esses materiais de maneira implícita e de forma fragmentada à realidade do aluno, não buscam uma compreensão adequada naquilo que se vive no seu cotidiano.

Por outro lado, Freire (1989) esclarece que:

Daí que sempre insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus



sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. [...]. (FREIRE, 1989, p.13).

De acordo com essa teoria citada, percebe-se que alfabetizar é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, então, o professor antes de alfabetizar é bom que se tenha um olhar crítico para essa situação, não utilizar a manipulação mecânica de palavras, mas que tenha uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Sendo assim, o governo federal tem criado alguns programas interessantes em relação à alfabetização, onde visa solucionar o problema do analfabetismo no país, a exemplo, as mudanças ocorridas na atual política educacional brasileira, tendo como indicador o programa “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, publicado no Diário Oficial da União pela Portaria 867 de julho de 2012.

Fica instituído o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, pelo qual o Ministério da educação (MEC) e as secretarias estaduais, e distrital municipais de educação reafirmam e ampliam o compromisso previsto no decreto 6.094, de 24 de abril de 2007, de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental, aferindo os resultados por exame periódico específico, que passa abranger: I - a alfabetização em língua portuguesa em matemática (PORTÁRIA nº 867 – Ministério da Educação: portal. mec. gov. br, apud, SANTOS,2014,p.13).

A política de alfabetização do governo federal objetiva resultados que devem ser alcançados pelos estados e municípios de todo o país. Assim, trabalhar com metas críticas de desenvolver uma educação de qualidade para todos.

Para Tfouni (2010):

A realidade, no entanto, passa por outras variáveis, e vai desde a questão da escolarização, que ocorre em geral junto com a alfabetização, até a consideração de que esse não é um processo linear, que envolve níveis de complexidade crescentes, em cada um dos quais diferentes objetos são contemplados e construídos pela criança. (TFOUNI, 2010, p.21).

Logo, a criança hoje para ser alfabetizada é necessária que saiba ler e escrever com habilidades de compreender a realidade em diferentes situações que acontece em sua vida, assim, é necessário que a escola proponha uma diversidade de textos, com destaque especial aos livros de Literatura Infantil, disponibilizado amplamente pela internet. Pois, a criança ao ficar inserida nesse contexto, amplia seu mundo letrado rico em significados, desenvolvendo-se como cidadão participativo, mais autônomo e mais consciente dos direitos e deveres realizando melhor a leitura do mundo que o cerca. Além disso, o governo federal criou o programa “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, com objetivo de alfabetizar as crianças até, no máximo aos oito anos de idade, ou seja, ao final do 3º ano do ensino fundamental, visto que, o programa trabalha com métodos, jogos educativos lúdicos ao universo do aluno, visando uma aprendizagem diversificada com sucesso em sua vida.

3 O LETRAMENTO: DEFINIÇÕES

De acordo com Soares (2009), a palavra letramento com seu uso mais atual são encontrados na língua inglesa – *literacy* – que etimologicamente vem do latim *littera* significando *letra*, adicionando o sufixo - *cy*, que seria o sufixo - *mento* em português e que “denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (Webster’s Dictionary apud SOARES, 2009, p.17). Nesse sentido, **literacy**, ou em português **letramento**, conforme Soares (2009) relata, é o estado ou condição que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto das mudanças de âmbito social, cultural, político, econômico, cognitivo e linguístico alcançado através da escrita quando este ou aquele aprende a usá-la socialmente. E **literate** é o adjetivo que caracteriza o indivíduo que faz uso social da leitura e da escrita, ou seja, ele é **letrado**.

Nesse sentido, com as novas tecnologias hoje ligadas ao ensino, os educadores precisam trabalhar com metodologias diferenciadas que estimulem preparar os jovens para a sociedade, no que diz respeito ao mercado de trabalho e até mesmo no seu desenvolvimento social como um todo. Assim, Freire (1967,1970^a, 1970b, 1976 apud Soares 2009) afirmou que:

Ser alfabetizado é tornar-se apto para usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Nesse sentido, ele ressalta o poder revolucionário do letramento. Entretanto, ele reconhece o papel do letramento como sendo ou de libertação do homem ou de sua “domesticação”, a depender da conjuntura ideológica em que ocorre e alerta para a sua natureza inerentemente política, defendendo que a sua finalidade central deveria ser o de promover a transformação social. (ALMEIDA, 2014apud FREIRE1967, 1970^a, 1970b, 1976apud SOARES 2009).


Sendo assim, Tfouni (2010) afirma que:

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. (TFOUNI, 2010, p.12).

Dando prosseguimento Soares (2003) discorre também sobre a apropriação da leitura e escrita:

No Brasil as pessoas não leem. São indivíduos que sabem ler e escrever, mas não praticam essa habilidade e alguns não sabem sequer preencher um requerimento. Este é um exemplo de pessoas que são alfabetizadas e não são letradas. Há aqueles que sabem como deveria ser aplicada a escrita, porém não são alfabetizados. Como no filme Central do Brasil – alguns personagens conheciam a carta, mas não podiam escrevê-la por serem analfabetos. Eles ditavam a carta dentro do gênero, mesmo sem saber escrever. A personagem principal, a Dora (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro), era um instrumento para essas pessoas letradas, mas não alfabetizadas, usarem a leitura e a escrita. No universo infantil há outro bom exemplo: a criança, sem ser alfabetizada, finge que lê um livro. Se ela vive em um ambiente literário, vai com o dedo na linha, e faz as entonações de narração da leitura, até com estilo. Ela é apropriada de funções e do uso da língua escrita. Essas são pessoas letradas sem ser alfabetizadas. (SOARES, 2003, sem paginação).

Segundo Soares (2003) um grave problema é que:



Há pessoas que se preocupam com alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. Um ponto importante para letrar, diz Magda, é saber que há distinção entre alfabetização e letramento, entre aprender o código e ter a habilidade de usá-lo. Ao mesmo tempo em que é fundamental entender que eles são indissociáveis e têm as suas especificidades, sem hierarquia ou cronologia: pode-se letrar antes de alfabetizar ou o contrário. Para ela, essa compreensão é o grande problema das salas de aula e explica o fracasso do sistema de alfabetização na progressão continuada. “As crianças chegam ao segundo ciclo sem saber ler e escrever”. A educadora argumenta que a criança precisa ser alfabetizada convivendo com material escrito de qualidade. “Assim, ela se alfabetiza sendo, ao mesmo tempo, letrada. É possível alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e escrita.” Para isso, Magda diz ser preciso usar jornal, revista, livro. Sobre as antigas cartilhas que ensinavam o ‘Vovô viu a uva’, a educadora afirma que muitas crianças nunca viram e nem comeram uma uva. (SOARES, 2003, sem paginação).

Nesse sentido, continua comentários sobre o conceito de letramento onde a professora Magda ressalta de que forma é ensinado o processo educacional nas salas de aula. Porém, muitas escolas ainda ensinam de forma mecânica e fragmentada os conteúdos escolares trabalhados, deixando os alunos com sérias dificuldades em seu aprendizado.

Segundo Kleiman (1999) diz que:

A diferença entre ser alfabetizado e ser letrado implica diferenças no grau de familiaridades com diversos usos da escrita do cotidiano: escrever bilhetes e cartas, compreender uma notícia de jornal, entender uma explicação médica, preencher formulários oficiais, defender seus direitos de consumidor, contribuir para um debate. (KLEIMAN, 1999, p.90).

De acordo com Kleiman, pode-se observar que o ambiente familiar proporciona ao indivíduo diversos tipos de habilidades, porém é necessário que a família em geral tenha hábitos voltados para uso de leitura e compreensão tais como: jornais, revistas semanais, romance, poemas e outras formas de se manter informado ou em alerta sobre o que ocorre ao seu redor, com isso é óbvio que os jovens em sua maioria terão mais contato com esse tipo de material, sendo assim, aprenderão a fazer uso de diversos gêneros orais e escritos.

Ser letrado se estende também ao conhecimento de práticas orais; por exemplo, aquelas que envolvem mais planejamento e cuidado do que a conversação espontânea na família ou entre amigos, com proferir uma palestra ou participar num debate no sindicato. (KLEIMAN, 1999, p.90).

Em resumo, a pessoa tem que ser letrada e alfabetizada, visto que, adquirindo esses conhecimentos o ser humano se torna um sujeito crítico, onde pode ser consciente de exigir e conhecer os direitos e deveres dentro da sociedade. Sendo assim, existem hoje também vários teóricos que pesquisam as diferentes formas e a importância de se desenvolver as diversas habilidades de leitura e escrita dentro de um contexto social na qual vivemos.

4 FORMAÇÕES DE LEITORES

Toda escola pública ou privada, constitui, por excelência, um centro formador de leitores. Precisamos promover um trabalho de produção de leitura que contribua para a formação de um sujeito leitor, capaz de identificar em um texto as suas leituras plurais ou não plurais. Como cita Roland Barthes (1992, p. 13), “fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor de textos,

à medida que preenche as lacunas existentes na obra lida, mergulhando na ambiguidade dos textos, em busca dos significados mais profundos”.

Há necessidade de um estudo sobre as práticas de leitura em sala de aula: será que essas atividades propostas na escola realmente contribuem para a formação de um sujeito leitor? Um sujeito capaz de posicionar-se criticamente frente às informações que lhe são impostas? Sempre é bom ressaltar que a leitura não deve ser encarada simplesmente como um processo de decodificação, pois ela envolve diversos aspectos que vão além de decodificar o que está escrito.

Para Leffa (1999):

Texto, leitor e interação social’, tecem vários comentários acerca da leitura e o que nos chama a atenção é o fato de que o texto não é escrito exclusivamente para “um leitor”, mas sim para uma comunidade de leitores. Cada leitor vai ler o texto (intermediá-lo), atribuir significado a ele de acordo com seus conhecimentos prévios, assim não podemos afirmar que todos que lerem o mesmo texto farão a mesma interpretação, ficando claro, então, que é o leitor que age sobre o texto e não o contrário, pois o leitor não extrai e sim atribui. Assim, a autora nos coloca que existe “o outro” no fim do processo da leitura, que seria algum fator que interage com o texto/leitor, assim quando lemos um livro podemos dizer que provocamos uma mudança em nós mesmos e que essa mudança vai acabar refletindo no mundo. (LEFFA, 1999, apud VEDOOTTO, 2009, sem paginação).

Nessa perspectiva, Kleiman (1997):

Traz-nos três níveis de conhecimento: o linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, os mesmos constituem o que se denomina de conhecimento prévio na leitura. O processo de compreensão de um texto caracteriza-se pelo uso de conhecimento prévio, sendo a utilização de diversos níveis de conhecimento inter-relacionados que torna a leitura um processo interativo. (KLEIMAN, 1997, apud, VEDOOTTO, 2009 sem paginação).

Dessa forma, a autora ressalta as três formas de conhecimento que o ser humano adquire dia a dia e esses conhecimentos quando é utilizada de modo interativo a leitura torna-se algo prazeroso na vida da pessoa. Porém, o educador ao ministrar suas aulas, seja a leitura em voz alta, a leitura silenciosa, a leitura para um grupo ouvir... Essas Atividades devem ser preparadas e ensaiadas antes de ser trabalhado para que a criança não se sinta frustrado na hora da apresentação.

O pesquisador Furlan (2012) afirma que:

Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para além de um estado de dependência e comunicação primária. Ao aprender a ler, a criança reencontra-se nas passagens familiariza-se com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura. As escolas, bem como os professores, exercem uma força muito grande no que diz respeito à formação de leitores. Porém, muitas vezes percebe-se que essa força é desconhecida ou não é praticada por alguns professores. (FURLAN, 2012, sem paginação).

Enfim, a formação do leitor dá-se pelo prazer da leitura que surge ainda na infância, com o hábito de ouvir e contar histórias. Crianças adoram ouvir histórias. Por que então quando chegam à adolescência, poderiam escolher suas próprias leituras, esta se transforma em rejeição? Isso porque ela deixou de ser um prazer e tornou-se uma obrigação.

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva (explicar), a qual teve como *locus* a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bartolomeu Bueno, localizada na comunidade Quilombola Nossa Senhora de Nazaré do Rio Jocojó, zona rural, Município de Gurupá (deve entrar na identificação da escola). Gil (1987) esclarece, sobre a pesquisa descritiva, que são:

[...] aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade etc. Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais etc. (GIL, 1987, p. 45).

Nesse sentido, a pesquisa em si (informal) buscou coletar dados sobre os hábitos de leitura dos discentes, relacionando a fundamentação teórica em livros, artigos e documentos que permitiram conhecer as concepções e métodos que vem permeando (mudar) o cenário educacional no contexto das práticas de alfabetização, letramento e formação de leitor. Sendo assim, este trabalho de pesquisa busca adquirir respostas para as seguintes perguntas como: Qual o objetivo da pesquisa de campo? Qual o instrumento empregado foi à entrevista? Qual a importância dessa entrevista? Quem foram os entrevistados? , sendo que, o numero de entrevistados foram de oito alunos.

5.2 IDENTIFICAÇÕES DA UNIDADE ESCOLAR

(Falar qual a escola – pode adaptar o parágrafo do item anterior sobre a escola aqui)

A caracterização geral da escola onde realizei (retirar expressões que indicam pessoalidade) a entrevista é de pequeno porte com estrutura física feita de alvenaria, dispõe de uma sala de aula, uma pequena área coberta, uma área livre, uma copa, e um banheiro, sua construção aconteceu no ano de 1968, na gestão do prefeito Oscar José Borralho dos Santos. Nesta Escola funcionam turmas do 3º ano e as demais turmas do 1º e 2º ano, 6º ao 9º ano, Educação de Jovens e Adultos com turmas da 3ª e 4ª etapa do ensino fundamental, no qual os educadores trabalham no barracão comunitário da referida comunidade, já o ensino Infantil funciona em local particular. Os horários de funcionamento da escola são matutino, vespertino e noturno.

Sua equipe administrativa está formada por um diretor, um vice-diretor, um auxiliar administrativo, sete professores, uma merendeira, uma servente e noventa e seis alunos, visto que, a mesma tem conselho escolar formado por pais, alunos, professores e pessoas da comunidade. A escola recebe recursos do governo federal. Nos anos de 2013 e 2014 recebeu recursos do programa

Mais Educação juntamente com os monitores, e também ganhou recursos da Escola Sustentável para se trabalhar com hortaliças, canteiros sustentáveis e outros. A escola realiza outros eventos e projetos como dia das mães, festas juninas juntamente com a cultura quilombola, desfile de sete de setembro, formatura e campeonato escolar.

5.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Com o intuito de descobrir os hábitos de leitura e eventual deficiência no processo de ensino dos alunos da turma de 6º ano da escola Bartolomeu Bueno foram elaboradas sete perguntas para os oito alunos (TABELA 1), sendo que primeiramente aconteceu uma reunião com a direção, professores, alunos e pais, onde relatei a importância da pesquisa na sala de aula. No dia 21/10/2014, aconteceu à entrevista com os alunos na turma de 6º ano onde foram orientadas e repassadas no quadro sete perguntas: Você gosta de ler; Por quê; O que você mais gosta de ler (romance, contos, poesia, histórias em quadrinhos, jornais, etc.); Quais as leituras que você faz na escola; Quais as atividades de leitura que você costuma fazer na escola; Fora da escola você costuma ler? Se sim, o que lê; Qual o livro que você mais gostou de ler; Você tem em sua casa alguma pessoa que gosta de ler? Se sim, quem.

TABELA 1 – Perfil dos Informantes da pesquisa dos alunos

INFORMANTES	SEXO	IDADE
ALUNO1	F	14
ALUNO2	M	13
ALUNO3	F	12
ALUNO4	F	10
ALUNO5	M	14
ALUNO6	M	14
ALUNO7	M	13
ALUNO8	F	13

Fonte: Dados da Pesquisa

6 LEITURA: DEFINIÇÕES E PREFERÊNCIAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A pesquisa contou com a colaboração de 08 alunos da rede municipal da referida instituição mencionada acima, sendo que, a idade dos discentes varia entre 10 e 14 anos, a aluna mais nova tem 10 anos, quanto ao gênero, tivemos na amostra a participação de 04 alunos do sexo masculino e 04 alunos do sexo feminino.

Diante da pergunta, “Você gosta de ler? Por quê?”, foi possível observar que todos os alunos responderam que sim, gostam de ler. No entanto, foram afirmadas as seguintes justificativas: a1 e a2, falaram que a leitura ajuda no aprendizado e enriquece o conhecimento; a3 ressalta que a leitura ajuda aprender mais; a4 porque a leitura é muito boa para nossa aprendizagem; a5 com a leitura

aprendemos mais e melhora a escrita; a6 confirma que a leitura desperta o pensamento e ajuda a conhecer novas palavras; para a7 com a leitura nós aprendemos mais e conhecemos outras realidades, e; A8 afirma que sem a leitura se torna difícil para fazer uma escrita com qualidade.

Reforçando essa ideia Furlan (2012) enfatiza:

Paulo Freire é um defensor do direito à leitura. Segundo ele, a leitura é uma das formas mais eficientes para a inclusão social das camadas excluídas da sociedade. Um indivíduo que lê compreende melhor o contexto que o cerca e a partir dele é capaz de formular suas hipóteses e conclusões, sejam elas positivas ou não (FURLAN, 2012, p. 21).

Deste modo, todas as ideias do autor estão de acordo com as falas dos entrevistados, sobre o gosto pela leitura, pois, em seus conceitos menciona que a leitura é uma das formas mais eficientes de inclusão social, a pessoa que ler e compreende o contexto, se torna um sujeito crítico capaz de ver e ler a realidade do mundo de múltiplas formas.

Na segunda pergunta, “o que você mais gosta de ler (romances, contos, poesias, histórias em quadrinhos, jornais, etc.)?”, os informantes responderam que gostam de ler textos como: a) a1 afirma que “gosta de ler contos e histórias em quadrinhos”, b) a2 “leio as histórias amazônicas”, c) a3 “gosta de ler mais poesia e histórias em quadrinhos”, d) a4 “ressalta que gosta de ler contos, poesias e histórias em quadrinhos”, e) a5 “gosta de ler livro de ciência e história” f) a6 “gosta de ler jornal” g) a7 “gosta de ler o livro de história e ciência”, h) a8 “eu gosto de ler contos e poesias”.

Furlan (2012) esclarece que:

O mediador é a ponte, intermediário que aproxima/liga o leitor da leitura e do livro através de sua paixão pela leitura e amor aos livros. Para Petit, o mediador ‘para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor’ (FURLAN, 2012 p. 30).

Os resultados demonstraram mais interesse pela leitura literária, já os demais textos foram menos abordados pelos entrevistados. Furlan (2012) explica que o mediador é a ponte que aproxima leitor da leitura, ou seja, são os professores, que devem repassar esse amor interagindo na sala de aula com os diferentes tipos de textos, onde os alunos possam despertar o senso crítico em conhecer e experimentar as múltiplas formas de leituras que é importante para sua vida.

Na sequência, fiz a seguinte pergunta, “Qual o livro que você mais gostou de ler?”, os alunos informaram que os livros que mais gostaram de ler foram: a) a1 confirmou “o livro de história e português”, b) a2 e a5 “o livro de ciências”, c) a3 “português, ciência e história”, d) a4 e a6 “optaram pelo livro de português”, e) a7 “livro de ciência e história”, f) a8 “livro sobre as histórias quilombolas”.

Os dados permitem afirmar que os discentes preferem o livro didático, haja vista, que na zona rural este é uma ferramenta importante que auxilia os alunos no mundo da leitura. Assim, apenas um aluno optou por leitura de cartilha da cultura quilombola, portanto, a escola juntamente com os professores é responsável em criar estratégias que valorizem a literatura no ambiente

escolar, pois, através dessas práticas metodológicas os alunos conheceram uma diversidade de livros que incentivam a leitura.

7 A LEITURA NO CONTEXTO SOCIAL

Na quinta pergunta, “Fora da escola você costuma ler? Se sim, o que lê?”, os informantes responderam que costumam ler: a) a1 “o livro de história e contos”, b) a2 “livro de história e as placas de vendas”, c) a3 “leio o livro de história, português e ciências”, d) a4 “leio livro de português”, e) a5 “leio os livros, cartazes, embalagens dos objetos e as reportagens que passa pela televisão”, f) a6 “leio as histórias da comunidade”, g) a7 “leio livros, cartazes, embalagens e histórias da comunidade”, g) a8 “leio livros didáticos e a Bíblia”.

Diante desses dados pesquisados, pode-se observar que todos os discentes foram unânimes nas suas respostas em dizer o que costumam ler fora do ambiente escolar, a exemplo as embalagens dos objetos, livro didático e outros, visto que, no meio social há uma variedade de conhecimentos que podem ser usados como leitura.

Freire (1989, p. 9) observa que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

Fora do ambiente escolar existem várias opções de aprendizagens, que estimulam o indivíduo a conhecer cada vez mais o significado, dependendo do contexto que a pessoa está inserida.

Na sétima pergunta, “Você tem em sua casa alguma pessoa que gosta de ler? Se sim, quem?” todos os alunos responderam que sim, a maioria citou o grau de parentesco como: a) a1 “minha mãe”, b) a2 “minha irmã”, c) a3 “minha mãe, minha tia e avó” d) a4 “meu pai”, e) a5 “meu irmão”, f) a6 “não identificou o grau de parentesco” g) a7 “meu irmão e minha irmã” h) a8 “minha irmã”.

Para Furlan (2012):

Existe um campo muito vasto de mediadores que precisam ser explorado: a família, revistas, jornais, livros didáticos, bibliotecas, editoras, contadores de histórias, jogos e inclusive obras literárias. Ninguém nasce leitor, assim como aprendemos a falar, caminhar, escrever, ler, também nos tornamos leitores. Os pais são facilitadores no processo formativo do leitor, porém se ainda não são leitores nem tudo está perdido. (FURLAN, 2012, sem paginação).

A família tem que contribuir no processo formativo do leitor, pois, quando os pais acompanham o aprendizado geralmente a criança tem um bom hábito de leitura.

8 LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Diante da pergunta, “Quais as leituras que você faz na escola?” adquirir respostas do tipo: a)a1 “leitura do livro de português, ciência e geografia” b)a2 “leio histórias do livro didático sendo individual e em grupo” c)a3 “leio as histórias do livro de português e ciência”, d)a4 “leituras de livros didáticos”, e)a5 “as narrativas orais da comunidade”, f)a6 “gosta das narrativas orais”, g)a7 “leio as lendas amazônicas”, h)a8 “leio as fábulas”.

As falas dos discentes confirmam que utilizam na sala de aula mais as leituras do livro didático, já as leituras literárias são menos usadas. Por outro lado, os educadores precisam trabalhar metodologias como: cantinho da leitura, roda da leitura. Assim, os alunos vão conhecer os diversos gêneros textuais que são importantes para o processo ensino e aprendizagem.

Na sequência, fiz a seguinte pergunta, “Quais as atividades de leituras você costuma fazer na escola?”, os informantes responderam que costumam fazer atividades como: a)a1 “roda de leitura”, b)a2 “leitura de textos narrativos”, c)a3 “as atividades do livro de ciência, português e história”, d)a4 “atividade da cartilha sobre a raça negra e exercício de português”, e)a5 “ler uma história do livro de língua portuguesa e completa atividades”, f) a6 “Interpretação de texto” g)a7 “leitura em voz alta dos textos do livro didático”, h)a8 “seminário de leituras”. O resultado da pesquisa mostrou que as atividades aplicadas em sala de aula estão relacionadas ao livro didático, cartilhas e outros.

Nessa perspectiva, Soares (2003):

A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolve-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar livrarias ter esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema da escrita. Assim, para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. (SOARES, 2003, sem paginação).

Portanto, a autora enfatiza que é preciso o aluno se envolver nas atividades de leitura e escrita para adquirir uma aprendizagem de qualidade, tornando-o um cidadão crítico para vida. Logo, os resultados das duas perguntas se assemelham, pois retrata dos hábitos e atividades de leitura no contexto escolar.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho de entrevista percebi que os alunos afirmaram que gostam de ler e relatam também que a leitura e a escrita são importantes para sua vida, mas alguns mostraram insegurança em suas respostas, ou seja, sentem dificuldades e outros faltam mais interesse pelas

leituras, seja história literária ou não, na escola que pesquisei pude (escrever na 3ª pessoa) observar estes dados concretamente.

Assim (mudar), é necessário que o diretor, os professores e os demais membros do ambiente escolar organizem um planejamento que englobem criatividade, projetos e ações metodológicas como: semana da leitura, cantinho da leitura, leitura dramatizada que sejam voltados à leitura onde os alunos possam conhecer os diferentes tipos de textos, através de livros didáticos, bibliotecas, contadores de história, jogos e outros.

Através de atividades lúdicas e prazerosas que conseguiremos inserir os nossos alunos no mundo fantástico da leitura, motivando as crianças a ler e a escrever corretamente (adequadamente – de acordo com o contexto solicitado). Enfim, o aluno quando passa ter o hábito de leitura se torna uma pessoa com consciência crítica capaz de compreender profundamente os significados dos fatos, que são impostos no cotidiano.

(Deveria continuar as considerações finais propondo como os alunos criariam gosto pelo hábito de leitura, e conseqüentemente como influenciaria o discente a se tornar proficiente no que concerne às práticas de leitura e escrita).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Regina Caldas de. **Letramento e leitura: um olhar sob a dimensão do educador**. São Salvador (editora), 2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 9. ed. – (retirar o que está de vermelho) São Paulo: Editora Afiliada, 1982.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FURLAN, Rodrigo. **Leitura, Mediação e Formação de Leitores**. 14/06/ 2012. Atualizado 2 anos atrás. Categoria: eventos do Curso de Letras. Acesso em 18 de dezembro de 2014. (Substituir)
- FURLAN, Rodrigo. **Leitura, Mediação e Formação de Leitores**. 2012. Categoria: eventos do Curso de Letras. Disponível em <site>. Acesso em 18 de dez. 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Antônio Carlos Gil. São Paulo: Atlas, 1987.
- KLEIMAN, Ângela B e MORAES, Silva. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de letras, 2005.
- SANTOS, Marluce dos Miranda. **Os desafios do processo de Alfabetização para os três primeiros anos do Ensino de 09 anos nas Escolas Públicas Municipais: estudo de caso - A escola Lourdes Brasil em Portel-Pará**. Breves - PA, 2014. 53f.
- ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA**. Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131



SANTOS, Carmi Ferraz. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**: organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 152p.

SOARES, Magda Becker. “**A diferenças entre letramento e alfabetização**”. Diário do Grande ABC, 2003, (Sem paginação). Retirar o que está de vermelho

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e adultos: teoria e prática**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010, v.15.

VEDOOTTO, Deise de Oliveira. **A importância da formação de leitores**. São Paulo: Eletrônica, maio de 2009. Disponível em:<[www.partes.com.br/educação/leitores críticos.asp](http://www.partes.com.br/educação/leitores_críticos.asp)> Acesso em: 09/01/15. (Substituir)

VEDOOTTO, Deise de Oliveira. **A importância da formação de leitores**. São Paulo: Eletrônica, 2009. Disponível em <[www.partes.com.br/educação/leitores críticos.asp](http://www.partes.com.br/educação/leitores_críticos.asp)>. Acesso em 09 de jan. 2015.